



TRIBUTO

Fiscalista Saldanha Sanches inspira Centro de Investigação no ISG

Centro está integrado nas atividades de investigação de altos estudos nos domínios fiscal e tributário. Fazem parte do projeto o relançamento de Fiscalidade – Revista de Direito e Gestão Fiscal, fundada por José Luís Saldanha Sanches, e a Pós-Graduação em Fiscalidade Avançada, que arranca em novembro.

Almerinda Romeira
 aromeira@jornaleconomico.pt

José Luís Saldanha Sanches, patrono do ensino da Fiscalidade na academia e uma referência moral do Portugal democrático, dá nome ao Centro de Investigação Tributária (CIT) que está a nascer no ISG - Instituto Superior de Gestão, em Lisboa. O professor e fiscalista, que morreu em 2010, coordenou e ensinou na Pós-Graduação em Fiscalidade do ISG, pioneira do ensino online, e fundou Fiscalidade - Revista de Direito e Gestão Fiscal.

Carlos Vieira, presidente do Conselho Geral do ISG, destaca ao JE Universidades o papel inspirador de José Luís Saldanha Sanches para toda uma geração de fiscalistas portugueses: “O Professor Saldanha Sanches tinha uma forma peculiar de encarar a fiscalidade, extravasando a sua componente de recolha de receitas para o Estado. Vi-a também muito na sua influência das esferas pessoais e de um modelo de recípro-

cidade que se aproxima do grande humanismo que prosseguia”.

O Centro de Investigação Tributária – Professor Doutor José Luís Saldanha Sanches está integrado nas atividades de investigação de altos estudos nos domínios fiscal e tributário e pretende ser uma referência na investigação e publicação de artigos. “Fundamentalmente pretende-se saber o que existe, como se identifica, como se tributa, ou não, e como é que através de uma análise crítica e de propostas diversas se pode promover a prosperidade dos cidadãos, como um todo”, explica Carlos Vieira.

Como centro de investigação não lhe cabe ter o foco na corrupção, mas nos impactos negativos da corrupção, “juntando-lhe uma análise sobre formas de mitigar, do ponto de vista fiscal, os danos causados pela mesma”. Dentro do país e lá fora, dada a proximidade do ISG ao mundo lusófono e cada vez maior internacionalização. A aposta desta unidade da business school, segundo Carlos Vieira, é em “projetos que

possam contribuir para o desenvolvimento de Portugal e outros países, sobretudo da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), para a avaliação dos modelos fiscais e para a construção de propostas que promovam uma maior prosperidade através da fiscalidade”.

A realização de seminários, conferências e outras ações nas áreas fiscal e tributária e o desenvolvimento de atividades de prestação de serviços conexos com a investigação, incluindo atividades de consultoria, são outros objetivos do CIT. Previs-

ta está também a participação ativa em outros centros de investigação.

O presidente do Conselho Geral do ISG, também membro do Conselho Coordenador do Centro de Investigação Tributária, revela ao JE Universidades que o projeto compreende o relançamento de Fiscalidade – Revista de Direito e Gestão Fiscal e a Pós-Graduação em Fiscalidade Avançada, que terá como professor principal José Maria Pires.

Num mundo global, a fiscalidade é um fator crítico para a competitividade das empresas e das economias. O foco posto nas empresas é justamente um dos pontos fortes da formação do ISG, que arranca em novembro de 2021. O seu corpo docente será constituído por quadros atuais ou recentemente saídos da Autoridade Tributária, o que permitirá um conhecimento aprofundado sobre uma realidade que muitas vezes não é concreta. Os alunos vão aprender com quem gere as questões fiscais, num espaço que, simultaneamente, inspira e perpétua a memória do Mestre. ■



JOSÉ LUÍS SALDANHA SANCHES
 Foi professor da Universidade Católica e da Faculdade de Direito de Lisboa

ÍNDICE

2 Opinião
 Rui Soucasaux Sousa, Dean da Católica Porto Business School, analisa o papel transformador do ensino suportado por investigação.

3 Estratégia
 José Campos e Matos, o professor da UMinho que preside à YES For Europe-Confederação dos Jovens Empresários Europeus, revela os desafios que tem pela frente.

4 Entrevista
 Fátima Carioca, Dean da AESE, celebra os 40 anos da instituição, a primeira business school portuguesa, com os olhos postos no que está para vir: “o desafio da AESE é ser parte ativa na construção do futuro”.



6 Inovação
 Jogo educativo para aliviar a dor crónica nasce no Politécnico de Leiria. Projecto é liderado pela spin off AGILilades e envolve parceria com brasileira Universidade Católica de Pelotas

7 Figuras em destaque
 Pedro Teixeira, professor da U.Porto, montou durante 10 anos a enciclopédia do Ensino Superior para o século XXI, dada à estampa pela Springer. Sofia Marques Ramalho, da UMinho, vê o seu trabalho de investigação distinguido pela Associação Europeia para o Estudo da Obesidade.

8 Parceria
 Universidade de Aveiro fomenta aquacultura sustentável em parceria com empresas. Ricardo Calado lidera projeto que permite testar soluções de cultivo que poderão ser transferidas para o sistema produtivo.

OPINIÃO



RUI SOUCASAUX SOUSA
Dean da Católica Porto Business School

O papel transformador do ensino suportado por investigação

As universidades estão cada vez menos sozinhas na sua missão de ensino e formação de profissionais. Diversas consultoras prestam serviços de formação profissional nas suas áreas de competência. No setor das tecnologias de informação, empresas como a Google ou Microsoft ministram formação sobre os seus produtos, atribuindo certificações profissionais com grande valor no mercado de trabalho. Outras grandes empresas criaram academias corporativas para a formação dos seus colaboradores.

Então, o que diferencia o ensino que as universidades oferecem do ensino dos demais atores?

As universidades não se limitam a disponibilizar conhecimento. Elas próprias produzem conhecimento científico original e independente, através de atividades de investigação. O seu corpo docente é constituído maioritariamente por doutorados, que foram treinados e socializados durante vários anos para terem independência e espírito crítico, e a liberdade científica é um valor indiscutível. A investigação realizada assenta em metodologias escrutinadas, que asseguram a validade das suas conclusões.

A investigação dá origem a um ensino diferenciado e de qualidade por muitas vias, mas referirei apenas duas para ilustrar o meu ponto. Primeiro, a investigação demora alguns anos até ser refletida nos materiais de ensino tradicionais, como sejam os livros de texto. Este conhecimento é acedido numa primeira fase apenas pelos investigadores, que o partilham nas suas redes profissionais e artigos científicos. O mundo muda muito em alguns anos, pelo que este lag faz diferença. Por exemplo, se o leitor consultar nesta altura livros de texto tradicionais sobre a Gestão de Serviços, dificilmente encontrará capítulos sobre o impacto da Covid-19. No entanto, neste momento está em curso trabalho de investigação sobre este tema na Católica Porto Business School e em muitas outras universidades, e esse novo conhecimento foi já transposto para as disciplinas lecionadas na Escola. Este processo de transposição de conhecimento de ponta tem que ser realizado com prudência e espírito crítico, e não pode ser substituído por uma consulta ao wikipédia ou fontes similares.

Segundo, cada vez mais as organizações valorizam a tomada de decisão com base em evidências, tirando partido do enorme manancial de investigação e dados disponível a nível global. Para um estudante de Gestão, é crítico entender que práticas funcionam e não funcionam, e em que contextos. Uma das lições que se aprende num programa de gestão é que a resposta a muitas questões é: “Depende”. Para entender quais são as práticas de gestão mais adequadas a cada situação é necessário um conhecimento que não deve provir apenas da experiência pessoal de quem dá as aulas, uma vez que esta será naturalmente restrita e subjetiva. Ao invés, deve ter como base evidências alargadas e independentes da aplicação destas práticas, a reflexão de uma comunidade alargada de investigadores e o entendimento dos fundamentos teóricos que explicam o porquê de essas práticas produzirem ou não resultados em certos contextos. Daqui resultam quadros mentais para a tomada de decisão que serão úteis durante vários anos. Este tipo de ensino – baseado em conhecimento de ponta atempado, perene e com base em evidências – é mais dificilmente ministrado por entidades que não estão integradas em redes de investigação internacionais. Há, no entanto, uma condição para esta conclusão ser válida. A investigação realizada nas universidades deve ser relevante, isto é, orientada para as necessidades das empresas e da sociedade. No caso da Gestão, as empresas e os gestores devem ser os “laboratórios” para a investigação realizada. Daí que cada vez mais se avalie a investigação também pelo seu impacto nas empresas e na sociedade. Não quer isto dizer que os não-acadêmicos não possam ter um papel relevante no ensino universitário. Pelo contrário, a Gestão e a Economia, por exemplo, não são ciências exatas. Na Católica Porto Business School, muitas disciplinas têm convidados de empresas que partilham as suas experiências, enquanto outras disciplinas, nomeadamente a nível da formação executiva, são lecionadas por docentes com perfil misto de académico e gestor. Os trabalhos realizados pelos alunos envolvem frequentemente o contacto com gestores e empresas, e existem fóruns para os gestores aconselharem profissionalmente os estudantes.

Em resumo, não estando sozinhas na sua missão de ensino, as universidades, através da infusão de investigação relevante nos seus programas formativos, desempenham um papel fundamental na formação de profissionais que possam transformar a sociedade.

ESTRATÉGIA

Desafios para um mandato na YES For Europe

José Campos e Matos, o professor da UMinho que preside à Confederação dos Jovens Empresários Europeus, defende uma maior aproximação do mundo empresarial às escolas e universidades. Na UE, a prioridade é recompor a economia destruída pela pandemia.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

José Campos e Matos, a voz da nova geração de empresários junto das mais altas instâncias das instituições europeias, defende uma maior aproximação do mundo empresarial às escolas e universidades. Fala com conhecimento de causa. Professor na Universidade do Minho, também é empresário e, por via disso, presidente da Assembleia Geral da ANJE - Associação Nacional dos Jovens Empresários. A ligação entre as universidades e as empresas “permite o pensamento crítico, a inovação e a competitividade”, afirma o português que aos 41 anos preside à YES For Europe — Confederação dos Jovens Empresários europeus.

Durante os próximos dois anos compete-lhe afirmar as iniciativas, as redes de contactos, os projetos e as dificuldades da organização que junta 100 mil membros até aos 45 anos de idade, de 21 países, e representa a União Europeia em organismos internacionais, como a Aliança G20 dos Jovens Empresários. “Uma das nossas prioridades são as questões do financiamento”, diz ao JE Universidades, explicando: “financiamento para os jovens empresários que tinham as suas empresas, mas também para aqueles que perderam o emprego ou enfrentaram o layoff e pretendem, neste momento, abrir empresas novas. Desta forma, tentamos minimizar os problemas sociais que é o que se antevê para o pós-pandemia”.

O engenheiro-empresário reconhece que ser empreendedor não é para todos. “Exige coragem de arriscar, conhecimento técnico e do

mercado ou saber comunicar em equipa e para o exterior”. Elogia a política da União Europeia na proteção às start-ups inovadoras, muitas nascidas na crise da zona euro e agora alvo do contexto pandémico, mas considera que ainda há muito a fazer. Outros desafios? A integração dos migrantes, a transição digital e ambiental, PRR: diferentes abordagens

José Campos e Matos chega à presidência da YES For Europe numa altura em que os estados membros afinam os Planos de Recuperação e Resiliência (PRR). “O

Avaliar as perdas sectoriais e canalizar idêntica proporção de meios para a sua recuperação seria a melhor forma de recompor a economia destruída pela pandemia

objetivo prioritário – afirma – deverá ser recompor a economia que foi destruída e pensar na estruturação de uma sociedade devastada, alocando o financiamento europeu de forma estratégica, não a pensar no curto. A Europa só é forte se estivermos unidos e pensarmos no longo prazo”.

A Covid-19 não afetou todos por igual. Há sectores, como a saúde e a tecnologia que prosperaram, enquanto outros, caso da hotelaria e da restauração afundaram. O mesmo se aplica às empresas quando consideradas individualmente. A chamada “bazuca financeira”, pacote de 1,8 mil milhões de euros aprovado pelo Executivo de Ursula Von der Leyen de apoio aos 27 estados-membros, sem estratégia nada resolve.

Do que conhece dos planos nacionais, que avaliação faz? “Notamos que há países que estão a colocar mais percentagem de financiamento diretamente nas empresas, seja por via bancária seja através de outros apoios a sectores de actividade, enquanto outros países continuam a alocar a maior percentagem do financiamento para as pessoas”.

Este não é o único problema que identifica. “Há sectores muito mais devastados do que outros e há países que estão totalmente apoiados nesses sectores. Acontece que não está a haver concordância, pelo menos, direta entre a recuperação desses sectores e o plano estratégico de implementação da ‘bazuca’”, salienta.

Na perspectiva de José Campos e Matos, a solução passa por ter em consideração a dimensão e as proporções do estrago. “Uma avaliação sectorial com base em indicadores concretos permitiria saber se estava antes da pandemia e como se



está agora para tentar reactivar a realidade de antes”.

É que se a resiliência é definida como a capacidade de um sistema recuperar após um evento extremo para onde estava, não é muito diferente a missão acometida aos PRR. “Temos que garantir que as coisas como estavam antes têm que funcionar a seguir – explica – e esse é, na nossa perspetiva, o primeiro objetivo a atingir. A seguir deveremos investir onde tem de ser investido para melhorar e tornarmo-nos mais competitivos, para podermos competir com a Ásia”. Em palestras, debates e reuniões ‘B2B’ em Bruxelas ou num dos estados membros esta é

a mensagem que se esforça por ampliar.

A mobilidade dos jovens empresários dentro e fora da Europa é, pois, uma questão crucial. “Acho que os políticos deveriam olhar menos para os votos e mais para a recuperação económica da Europa”, salienta, explicando que já há países que estão a recuperar muito rapidamente. Na Ásia, por exemplo, Vietname e Tailândia põem, já, o pé no acelerador, numa altura em que a Europa ainda trava a mobilidade. Soluções? O chamado ‘passaporte verde’ será fundamental para ajudar a retomar as atividades presenciais. Nesta linha de ideias entra também a aceleração da

campanha de vacinação e a existência de sistemas rápidos de testagem, pelo menos, nos aeroportos. “Uma grande vantagem da Europa antes da pandemia era a mobilidade, que é indispensável para a componente comercial das empresas e, neste momento, as feiras estão limitadas, tal como as deslocações e as reuniões com clientes”. No final, contas feitas, “se o contacto e a confiança se perdem, o que sobressai é o custo de produção e aí, os países asiáticos são muito mais competitivos, ganham aos europeus porque têm custos de produção inferiores”. Olhando para a frente, seria importante que a Europa não perdesse mais pontos. ■

OPINIÃO



MARIANA MENDONÇA

Psicóloga, Consultora de Carreira na Nova SBE

A curiosidade no projeto de carreira

A curiosidade é um dos pilares da orientação vocacional. Ela, simultaneamente, provoca o questionamento vocacional do indivíduo e permite ao profissional que o orienta a predisposição para conhecer o outro.

Adotar uma postura de questionamento contraria a estagnação. «Que profissional quero ser? Que estilo de vida quero ter? Como quero viver a conciliação dos meus diferentes papéis (de profissional, cônjuge, amigo/a, filho/a, pai, mãe, atleta...)? O que poderia ser diferente no meu dia-a-dia? O que gostava de aprender?».

A natureza inquiridora num processo de orientação vocacional permite ao consultor ajudar o indivíduo a construir projetos de vida com significado. Isto não é possível sem explorar interesses, motivações, competências, valores e também crenças.

Todos construímos crenças. Umhas facilitadoras – aquelas que nos dão segurança e nos ajudam a agir em direção aos nossos objetivos – e outras limitantes – que nos bloqueiam e podem causar sofrimento. As crenças limitantes imprimem rigidez à nossa visão do mundo e, conseqüentemente, às nossas decisões. E são habitualmente as mais cristalizadas, dadas como certas e absolutas.

Em alguns casos percebemos facilmente em que consiste a limitação, por exemplo na crença de que «eu não sou capaz». Noutras situações, aparece camuflada. É comum ouvirmos preocupações de alunos universitários sobre não saberem qual é o caminho certo para si. Nesta simples manifestação estão latentes diferentes convicções, como a de que há um caminho certo para cada um de nós, ou que a escolha vocacional é definitiva, não prevendo recuos ou mudanças de direção.

Como seria de esperar, tratando-se crenças e não de factos, estes elementos bloqueiam uma dimensão essencial do desenvolvimento profissional: a exploração. «Por que motivo deveria avançar se corro o risco de ir pelo caminho errado?».

O processo é complexo e pouco previsível. Não existe um só caminho, mas várias possibilidades que podem fazer mais ou menos sentido, dependendo da fase da vida em que se encontra. As respostas de hoje podem diferir das de amanhã e, mais do que na busca da certeza, o trabalho essencial foca-se na flexibilização de atitudes e comportamentos, na promoção de autorreflexão e adaptabilidade.

Outra variante desta crença é o pedido do aluno para descobrir a sua vocação. A ideia de descoberta pressupõe que nós, enquanto profissionais, vamos encontrar algo que está escondido, como se o estudante fosse um mero elemento passivo a observar a definição do seu plano de carreira - pelo contrário, faz mais sentido enquadrá-lo como agente principal na construção do seu projeto de vida. Construir implica experimentar, refletir, e decidir, com a melhor preparação possível, mas muitas vezes sem certezas. A curiosidade também ajuda aqui – permitir-se experimentar para ver o que acontece, como se sente, e depois decidir novamente o que quer fazer com isso.

Fazer orientação de carreira é, também, promover esta abertura à experiência, ao contacto com diferentes realidades, e ajudar na reflexão e integração destas mesmas experiências. E mostrar que todas as escolhas têm riscos, e que faz parte do desenvolvimento profissional aceitá-los.

Fica lançado o desafio: permitamo-nos ser curiosos connosco e com os outros. Mesmo quando há certezas, a curiosidade é o que nos permite ir além da resposta na ponta da língua e identificar caminhos alternativos, muitas vezes melhores do que o inicial “caminho certo”.

ENTREVISTA FÁTIMA CARIOCA Dean da AESE Business School

“O desafio da AESE é ser parte ativa na construção do futuro”

Fundada em 1980 com o apoio da espanhola IESE, a AESE é um mundo à parte. Segue o método do caso criado em Harvard e está orientada à direção das empresas e organizações. Fátima Carioca, ‘dean’ desde 2014 e primeira mulher a liderar a escola, busca inspiração no passado para projectar o futuro. “Haverá certamente ainda um ajustamento estratégico a fazer nos próximos dois, três anos”.

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

Professora na AESE Business School desde 2005 e dean desde 2014, Fátima Carioca é a primeira mulher a exercer esta função nos 40 anos de existência da instituição. Nesta entrevista destaca a ligação umbilical da escola de direção à espanhola IESE Business School e à rede de escolas associadas desta, explica-nos a importância do método do caso que aqui se aplica, enfatiza a relação estreita com o tecido empresarial português, a oferta formativa integrada e a importância da rede de antigos alunos, um património sem preço. “A AESE é uma escola ‘única’, afirma.

Dean era uma ambição que se concretizou ou simplesmente aconteceu? Como avalia a experiência?

Olhando os 40 anos da AESE, vejo na AESE uma vida repleta de pessoas e histórias, uma vida que se estende e se multiplica na vida dos muitos que formam a comunidade AESE e cujo compromisso é essencial para construir o presente, mas sobretudo, o futuro da Escola, continuando a preparar gerações de líderes responsáveis e inspiradores. A grandeza desta missão de serviço, com um impacto estruturante na própria sociedade, foi decisiva para aceitar juntar-me à AESE, vinda do mundo empresarial. Em 2014 considerei, naturalmente, o desafio e a grande responsabilidade que advém com a liderança.

E qual é?

Ser dean da AESE é, antes de mais, ser responsável por manter a identidade da instituição, a sua originalidade, a sua tradição. Mas é também o desafio constante de atualizar e projetar numa dinâmica de futuro. Esta é a linha que tenho, desde então, trabalhado.

Descreva a AESE em quatro ou cinco palavras.

A AESE é uma escola que prepara lí-

deres para os desafios que lhe são próprios, no presente e no futuro, ao longo da sua vida. É uma escola única porque somos uma escola de direção, ou seja, desenvolvemos uma visão abrangente dos negócios, da organização e do seu contexto, porque somos rigorosos, relevantes e globais no conhecimento que criamos e partilhamos e porque temos uma sólida matriz de valores em que nos apoiamos e que transparece no que fazemos e ensinamos.

Que balanço faz do caminho percorrido pela escola nestas quatro décadas?

AESE foi a primeira business school a nascer em Portugal. Foi fundada em 1980, com base numa visão própria e audaz de um grupo de executivos empreendedores com a missão de formar líderes e executivos que aspiram a ter um impacto profundo, positivo e duradouro sobre as pessoas, empresas e a sociedade, através da excelência profissional, ética e espírito de serviço.

Qual foi o primeiro curso?

O primeiro programa lecionado na AESE foi o PADE – Programa de Alta Direção de Empresas. Mais tarde, um dos marcos incontornáveis da história da escola, foi a introdução do Executive MBA AESE, em 2001, que inaugurou o campus da AESE em Lisboa. Entretanto, foram-se juntando os outros programas, igualmente notáveis e distintivos no panorama da formação de executivos em Portugal.

Somos uma escola com uma excelente rede de relações académicas a nível mundial, construídas a partir da parceria com o IESE e a sua rede de Escolas Associadas, e que temos vindo a alargar a outras escolas, também de referência mundial, espalhadas por todos os continentes. Isto posiciona-nos numa situação privilegiada junto de instituições, líderes e empreendedoras.

Traz reconhecimento?

Ao longo dos 40 anos, a AESE tem alcançado um relevante

BI

Fundação: 1980
N.º de alunos: Mais de 7.500
Professores: 87 professores, residentes e visitantes, portugueses e estrangeiros
Cursos: 14 Programas de longa duração, entre o Executive MBA AESE e programas de Formação de Executivos, generalistas e setoriais

reconhecimento. Recordo a Ordem de Mérito pela República Portuguesa e as acreditações EFMD e AMBA para o nosso Executive MBA. O principal reconhecimento vem do universo de mais de 7.500 alumni e do conjunto de empresas, parceiras de iniciativas e que confiam na escola para a formação dos seus profissionais. A pandemia foi também um marco na história da AESE e de todos nós. Uma oportunidade extraordinária para acelerarmos a nossa própria reinvenção, dando continuidade ao que fazemos bem e acrescentando inovação nos temas, nos formatos e nas metodologias.

Que acordos de colaboração académica tem com instituições de outros países?

A AESE tem acordos de colaboração académica a nível global. Para além da estreita relação com o IESE Business School (Espanha), como já referi, a AESE faz parte da rede de 16 Escolas Associadas IESE. Noto que esta rede é a maior rede de business schools a nível mundial e compreende instituições em todos os continentes, como sejam, o IPADE, no México, o IAE, na Argentina, a LBS, na Nigéria, a SBS, no Quênia e a UA&P, nas Filipinas. Adicionalmente, e na mesma linha, nos últimos 10 anos, a AESE tem vindo a estabelecer acordos de colaboração académica com outras escolas de elite em geografias muito distintas. Dou como exemplo o IIMA – Indian Institute of Management de Ahmedabad, na Índia, a Ross School of Business, em Michigan nos EUA, a Warwick Business School em Inglaterra, a CEIBS em Shanghai, na China ou a Meiji Business School, em Tóquio, Japão.

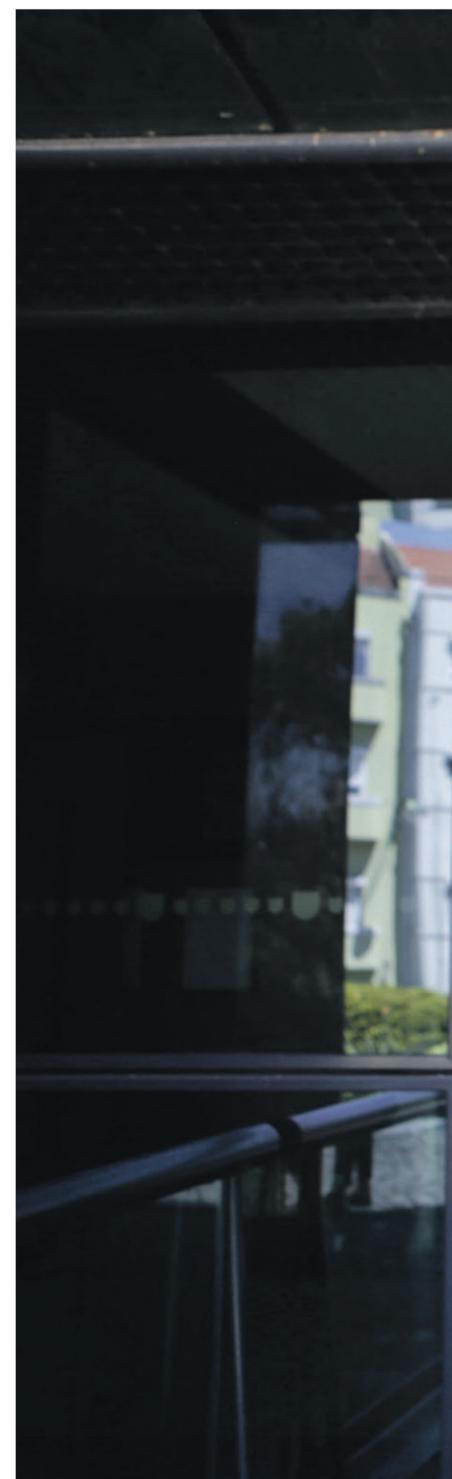
O campus da AESE é na Palma de Baixo em Lisboa. Tem mais alguma presença física?

Para além do campus em Lisboa, a AESE organiza com regularidade, desde 1986, Programas de Formação Executiva no Porto. Num contexto

pré pandémico, a AESE lecionou também com regularidade em Angola e Moçambique. Curiosamente pós-pandemia alargamos a presença nestas e outras geografias, através dos nossos programas digitais. Para além disso, os nossos programas internacionais organizados em colaboração com as escolas parceiras, por assim dizer, globalizam o campus da AESE. A presença da escola concretiza-se ainda através dos seus professores, convidados, sistematicamente, a dar aulas em escolas parceiras, caso de Cracóvia, S.Paulo, Abidjan, Nova Deli.

O método do caso criado pela Harvard Business School é a base do processo formativo na AESE. Pode explicar no que consiste e qual a sua importância?

Liderar significa tomar decisões. E embora seja verdade que se melhora a capacidade de tomar decisões, toman-do decisões, é também verdade que é possível aperfeiçoá-la, ganhando rigor na consideração da informação disponível e abrangência, na análise do problema a partir de múltiplas perspetivas. Neste processo de aperfeiçoamento revela-se a excelência do método do caso. Primeiro, porque dá vida aos conceitos e, segundo, porque o debate com pares enriquece em muito a aprendizagem pessoal. Um





Cristina Bernardo

**A AESE
PREPARA
LÍDERES PARA
OS DESAFIOS
QUE LHE SÃO
PRÓPRIOS, NO
PRESENTE E NO
FUTURO, AO
LONGO DA SUA
VIDA. É UMA
ESCOLA ÚNICA**

mundo empresarial. Enquanto Business School nem poderia ser de outra forma! Este relacionamento permite à AESE auscultar sistematicamente as preocupações dos dirigentes e executivos e responder adequadamente com exploração de conteúdos e desenvolvimento de competências relevantes, no formato mais apropriado. Além disso, muitas iniciativas em que estamos empenhados são fruto da parceria com empresas, desde a produção de conhecimento seja no âmbito, por exemplo, da Cátedra de Ética Empresarial com a EDP, seja na materialização do programa GOS com a Fundação MillenniumBCP, seja trabalhando com jovens talentos na Summer School, com a Accenture e a ETE.

Como é financiada a AESE? Há margem para aumentar as receitas próprias?

A AESE Business School é uma associação sem fins lucrativos. As receitas da AESE provêm dos programas e outras atividades que realizamos, do apoio das empresas patrocinadoras da Escola ou parceiras de iniciativas e do contributo dos *alumni*. A todos estamos gratos. É uma sustentabilidade exigente no dia-a-dia!

Qual a sua visão de futuro? Como perspectiva os próximos 40 anos?

No futuro, a AESE permanecerá como uma escola com um ethos único, orientada à direção das empresas e organização em geral, baseada no rigor, relevância e carácter global do conhecimento que partilha, e uma matriz de valores humanos que lhe dá alma.

Enquanto Dean, que desafios espera ainda encontrar?

A curto prazo, espero ainda consolidar toda a transformação acelerada com a pandemia. Haverá certamente ainda um ajustamento estratégico a fazer nos próximos dois a três anos. Entretanto, espero encontrar contextos cada vez mais dinâmicos e complexos, também situações humanas de maior fragilidade e vulnerabilidade. Mesmo em termos de liderança, novas gerações de profissionais com características específicas, soluções tecnológicas cada vez mais avançadas, capazes de abrir espaço para que a inteligência humana possa alavancar e conseguirmos melhores decisões, melhores resultados e melhores formas de nos organizarmos e convivermos em sociedade. E o desafio da AESE é ser parte ativa na construção do futuro, contribuindo, de forma estrutural, preparando líderes para estes tempos.

Além de ensinar, quais são as outras paixões da Dean da AESE?

Gosto de pensar a vida em si mesma como a maior paixão. E na minha vida cabem certamente outros âmbitos para além de ser Dean e professora na AESE. Cabe a família, como católica cabe a minha relação com Deus, muito voluntariado em iniciativas que promovam uma sociedade mais justa e inclusiva, sobretudo, a partir das empresas ou da família. Cabe ler, caminhar, conhecer cidades e a sua história e o mar. Viver apaixonadamente. Ou nas palavras de Sofia de Mello Breyner: “a vida multiplicada e brilhante em que é pleno e perfeito cada instante”. ■

caso transforma os conceitos teóricos em algo prático, mostrando como se aplicam no mundo real, onde há informação imperfeita e ambiguidade nas situações, e tornando-os, por isso mesmo, relevantes para os participantes. Na AESE, já se escreveram 500 casos. Naturalmente, não é somente o caso que consegue esta transformação, mas o professor tem também um papel determinante. E na AESE temos realmente grandes professores, verdadeiros mestres, que já lecionaram mais de 35 mil sessões com esta metodologia. Por outro lado, quando se gera o debate em sala de aula, acontece muitas vezes aquele momento mágico em que todos se envolvem na cocriação colaborativa de conhecimento, a partir das diferentes experiências profissionais e das diferentes formas, muito pessoais, de pensar, de decidir e de agir. É quando se dá e se enraíza a aprendizagem, tornando-a relevante mesmo muitos anos depois. Nada se compara, em termos de ensino e de aprendizagem, ao que se desfruta com um bom caso, ao divertido que é para todos debater um caso rico de conteúdo em sala de aula, seja presencial ou online.

Como caracteriza a vossa oferta?

A oferta formativa da AESE concretiza-se em programas de formação e

pretende ser uma resposta integral à necessidade de preparação de gestores e executivos ao longo da sua trajetória. Os programas estruturam-se por isso em função do objetivo pessoal do participante, do seu perfil de responsabilidade e do formato: PADE (Alta Direção), PDE (Direção), PGL (Gestão e Liderança), DEEP (100% digital) e Executive MBA. Oferecemos também um conjunto de programas focados em setores de atividade como sejam o PADIS, na Saúde, e o HBE, também na Saúde e 100% digital, GOS, na área das Organizações Sociais, AMEG, na Energia, e GAIN, na Agro-Indústria. Complementamos esta oferta com outros programas mais curtos que detalham ou complementam saberes específicos como a Ciber-segurança e todas as temáticas das Transformação Digital. Por último, temos colaborado também com muitas empresas, mais de 100, no sentido de desenhar programas específicos para a sua organização.

Quem faz formação avançada na AESE? Qual o perfil do estudante/formando da escola?

A AESE é uma escola para todos os profissionais, executivos e executivos dispostos a aprender, que reconhecem o valor de partilhar conhecimento e ideias e pretendem evoluir para

uma nova etapa da sua vida seja ela progredir na empresa, internacionalizar o negócio, lançar a sua própria empresa, aprofundar o seu impacto na sociedade ou, simplesmente, amadurecer no que já fazem diariamente. Em comum, todos os participantes detêm já uma relevante experiência profissional e experiência em funções de liderança compatíveis com o programa.

Que dimensão tem a comunidade de antigos alunos? Qual a sua ligação à escola?

A comunidade de *alumni* da AESE é constituída por todos os que frequentaram programas longos e transformadores e, atualmente, são mais de 7.500 dirigentes e executivos. A AESE é uma escola marcante, um lugar onde retornam com satisfação, uma presença ao longo da sua vida. Como *alumni* da AESE, encontram na Escola condições para continuar a aprender, desenvolver novas competências e estabelecer networking ao longo de toda a vida. Desde há 15 anos foi constituído o Agrupamento de Alumni da AESE. Destaco do seu imenso trabalho, a organização do Alumni Learning Program que, este ano em concreto, contou com mais de 20 sessões com oradores excelentes. O Agrupamento de Alumni tem ainda o

papel fundamental para a AESE de apoiar o crescimento da Escola, seja contribuindo para o financiamento de bolsas de estudo, a criação de conhecimento ou desenvolvimento de novos professores. De referir ainda que, através da rede de Escolas Associadas IESE, a AESE permite aos seus Alumni o acesso a uma comunidade global de + 300.000 Alumni.

Que estratégias tem a Escola posto em prática para atrair novos públicos para os seus programas?

A AESE aposta numa oferta, cada vez mais abrangente e integrada, de programas, acompanhando de perto as necessidades sentidas pelo mundo institucional e corporativo e permitindo-nos chegar a novos saberes, como o Data Analytics, e novos targets como as gerações mais jovens. Para além disso, a oferta formativa online ou híbrida abre uma janela de oportunidade, em termos de localização geográfica e da agenda dos participantes que seguramente se irá consolidar.

Que relação mantém a AESE com o tecido empresarial português?

A AESE Business School nasceu da iniciativa pioneira de um grupo de executivos e empresários e desde então cultiva uma relação estreita com o

INOVAÇÃO

Nasce no IPEiria jogo para ajudar a controlar a dor crónica

Jogo educativo, área em que o politécnico se destaca com a spin off AGILidades, será produzido numa parceria internacional com a Universidade Católica de Pelotas, Brasil. Ensaios clínicos arrancam em setembro e têm a duração de três meses. Seguir-se-á a entrada da ferramenta no mercado. Os investigadores querem implementá-la como estratégia não farmacológica no controlo da dor na população idosa.

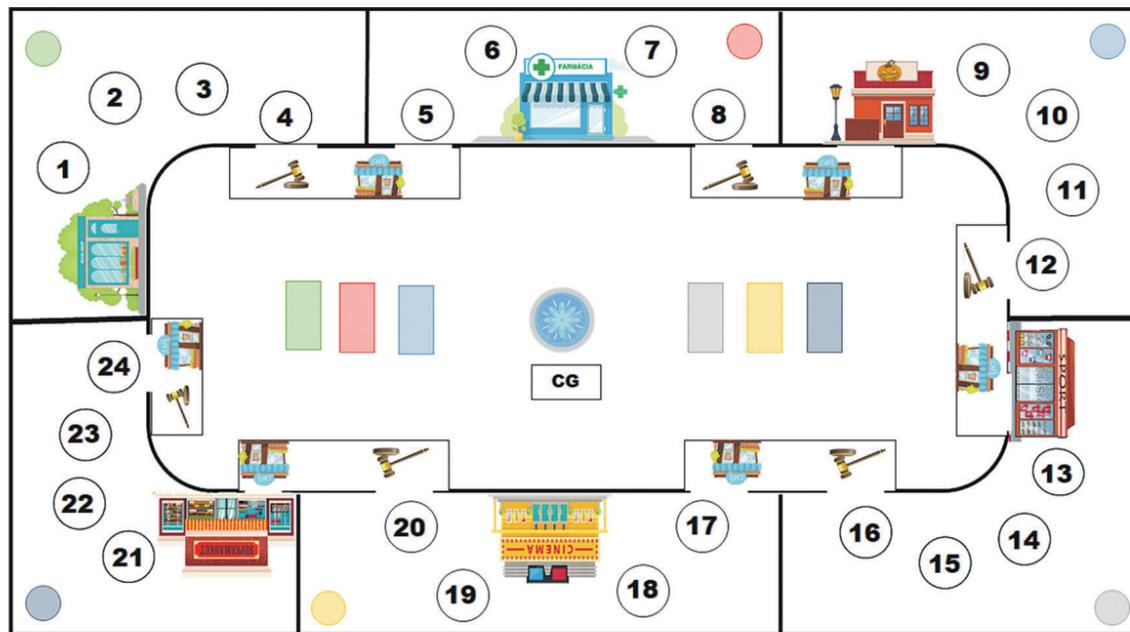
Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

O tabuleiro mostra um circuito com áreas comerciais, cada uma com desafios diferentes. No ginásio, por exemplo, os desafios são relativos ao efeito do exercício no controlo da dor... O que os nossos olhos vêem é o protótipo do jogo analógico que está a nascer no Politécnico de Leiria em parceria com a Universidade Católica de Pelotas, no Brasil.

Propósito do jogo? Ajudar na gestão e tratamento da dor crónica, que causa sofrimento a uma fatia significativa dos nossos idosos. “A dor afeta mais de 40% da população geriátrica em Portugal, com implicações muito graves para a qualidade de vida destas pessoas e cuidadores. Os comportamentos mal adaptativos a esta condição levam a consequências ainda mais graves para a saúde desta comunidade”, explicam Marlene Rosa e Ricardo Pocinho, professores do Politécnico de Leiria e responsáveis pela AGILidades, spin off do IPEiria responsável pelo desenvolvimento, adaptação e validação científica da utilização de jogos para fins terapêuticos.

“As estratégias de educação e literacia são efetivas no controlo desta condição, mas carecem de alguma revisão e estruturas ou sistematização. O jogo educativo que estamos a desenvolver pretende ser um importante contributo nesta área de atuação”, afirma a dupla ao *Journal Economico*.

O desenvolvimento do jogo assenta num processo científico cuidadosamente planeado e revisto na qualidade metodológica e envolvendo os próprios idosos na definição dos seus problemas mais reais e incapacitantes relacionados com a dor crónica. Para cima de 60 idosos de cada país (Portugal e Brasil) e



MARLENE ROSA
Professora do Politécnico de Leiria e responsável pela AGILidades



RICARDO POCINHO
Professor do Politécnico de Leiria e responsável pela AGILidades

uma equipa de profissionais de áreas multidisciplinares trabalham de alguma forma no projecto.

“Foram vários os problemas identificados na população idosa em Portugal” e que provocam, segundo os investigadores, desde o uso abusivo de medicação para controlo da dor, até atitudes negativistas sobre estratégias de atenuação desta condição, passando pela pouca proatividade na procura de soluções não medicamentosas.

A realidade, salientam, agravou-se no atual contexto de pandemia e torna urgente “redefinir novas estratégias terapêuticas nesta área de intervenção”. Aqui entra o jogo como agente educativo. O seu papel “pode ser fulcral na mudança desta realidade”, destacam Marlene Rosa e Ricardo Pocinho.

A equipa de trabalho reúne à volta de uma dezena de investigadores de doutorados de áreas multidisciplinares dedicados à prestação do cuidado geriátrico das duas instituições. O projeto consta de três

fases que decorrem, em simultâneo, em Portugal e no Brasil. A primeira consistiu em caracterizar as perceções da população geriátrica sobre a dor crónica, permitindo uma base fiável de conhecimento para o desenho participativo dos temas do jogo. Está concluída.

Neste momento, os investigadores trabalham já na fase de desenho e prototipagem do jogo, processo que envolve elementos da equipa criativa do projeto, prevendo-se a sua conclusão até setembro. Por essa data arrancarão os primeiros ensaios clínicos do jogo, que têm a duração prevista de três meses, findos os quais o jogo deverá ser introduzido no mercado... quem sofre agradece.

A empresa académica que desenvolve jogos

AGILidades é uma spin off do Politécnico de Leiria, criada em 2018. Esta empresa académica desenvolve, adapta e valida cientificamente a utilização de jogos para fins tera-

pêuticos, adaptados às mais diversas idades e condições, para a reabilitação de pessoas com disfunção psicomotora ou cognitivo-motora, úteis no processo de reabilitação. A marca, cujo foco é a comunidade geriátrica, também presta serviços de consultoria técnica em matéria de conceção e testes de desenvolvimento de novos produtos nesta área. O trabalho realizado no âmbito desta spin off tem já alguns jogos validados noutras temáticas da educação para a saúde igualmente relevantes, como a demência.

Dos projetos mais recentes, destaca-se a criação de uma rede nacional de IPSS com valências geriátricas, que deverão assumir um papel fulcral na certificação dos jogos como ferramentas sérias para a promoção de um envelhecimento saudável e, sobretudo, mais feliz. ■

O jogo será prescrito pelos médicos ou poderá ser comprado em loja?

Tratando-se de um jogo terapêutico, a sua finalidade séria obriga a um processo de acompanhamento profissionalizante. Isto significa que o jogo poderá ser vendido a profissionais especializados no cuidado geriátrico, implicando um período de formação e capacitação para a sua correta utilização. O jogo deverá ser uma estrutura base para o desenvolvimento de programas comunitários na área da educação para a dor, tutorados por equipas multidisciplinares.

POLÍTICA PÚBLICA

UC aprova plano para promover a igualdade e a diversidade

A Universidade de Coimbra vai pôr em prática um Plano que promove a Igualdade, a Equidade e a Diversidade no seu seio. O objetivo é que ninguém fique à margem num universo que compreende mais de 25.000 estudantes de várias nacionalidades e cerca de 4.300 docentes, investigadores e técnicos.

“Neste documento procurou-se

agregar um conjunto de metas e de ações que visam o combate a um enviesamento que é notório em diferentes áreas da sociedade e onde as instituições de ensino superior não são exceção”, explica António Figueiredo, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra com o pelouro da Qualidade, Desporto e Serviços de Ação Social.

Este passo pioneiro em termos de

política pública está alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável “Igualdade de Género” e “Reduzir Desigualdades”, foi elaborado com o apoio do projeto “SUPER | Supporting the Promotion of Equality in Research and Academia” e estabelece nove objetivos estratégicos, que se desdobram em objetivos específicos a atingir até 2023.

Uma das suas metas é integrar a

perspetiva de género e os princípios da igualdade, da equidade e da diversidade em todas as áreas científicas, nos conteúdos educativos e de investigação, aumentando o número de projetos de investigação que incluem estas perspetivas.

Melhorar a conciliação entre o trabalho/estudo e a vida pessoal e familiar é outro propósito da Universidade de Coimbra, onde existe a ex-

pectativa de que, daqui por dois anos, 90% dos estudantes mães e pais com crianças até aos cinco anos de idade estejam abrangidos pelo estatuto mãe/pai estudante.

Outra aposta passa por promover a integração de mulheres e homens em áreas científicas/de estudos em que estão sub-representados, caso do sexo feminino na área científica das engenharias e tecnologias. ■ AR

FIGURAS EM DESTAQUE

INVESTIGAÇÃO

Uma década a montar a Enciclopédia do Ensino Superior



Há tarefas e tarefas... a do professor da Universidade do Porto, Pedro Teixeira foi, pode dizer-se, Ciclóptica. Ao longo de 10 anos, o agora também diretor do CIPES – Centro de Investigação em Políticas do Ensino Superior, montou a enciclopédia do Ensino Superior para o século XXI: “The International Encyclopedia of Higher Education Systems and Institutions”, assim se intitula no original em inglês. Acaba de ser dada à estampa pela prestigiada editora Springer e conta com mais de 600 entradas sobre os mais variados temas e passagem pelos diferentes sistemas de ensino do mundo. O processo envolveu o contributo de outros tantos docentes e investigadores, ente os quais vários portugueses a trabalhar em Portugal e no estrangeiro, e exigiu “um mapeamento da comunidade científica à escala global”, explica o também antigo vice-reitor da Universidade ao “Notícias” da U.Porto. Conclusões? São milhares. Destacamos uma: o ensino superior está hoje mais “universalizado”, são as especificidades locais que continuam a ditar leis. “Apesar da integração global” - diz Pedro Teixeira - “o ensino superior continua fortemente moldado por percursos e contextos específicos que criam realidades onde coexistem muitos elementos comuns com outros muito diversos”. ■ AR

CAUSA

A combatente da obesidade infantil

Aos 30 anos, dificilmente se poderá esperar mais. Sofia Marques Ramalho, do Centro de Investigação em Psicologia da Universidade do Minho, vê o seu percurso académico reconhecido pela Associação Europeia para o Estudo da Obesidade, que a brinda com o maior prémio europeu para jovens investigadores em obesidade infantil. Já em 2020, a sua tese de doutoramento em Psicologia Aplicada, realizada na UMinho, tinha figurado no grupo das eleitas daquela associação. Sofia Ramalho é autora de várias investigações com resultados muito interessantes. Foi, por exemplo, a primeira a mostrar que uma intervenção baseada na rede social facebook complementa com eficácia o tratamento usual na obesidade pediátrica em hospitais. Num outro trabalho concluiu que o quadro familiar pode afetar, e muito, as condutas. Ou seja, crianças em tratamento para perda de peso têm por vezes mães com comportamentos alimentares problemáticos. Por fim, os seus estudos sobre a Covid-19 demonstraram que o confinamento levou a comportamentos alimentares problemáticos associados a sintomas depressivos, de ansiedade e stress. “A obesidade é um dos mais sérios e graves problemas de saúde pública do século XXI. É uma doença complexa e, também por isso, é crucial que todos adotemos um estilo de vida saudável”, aconselha. ■ AR



ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS DO POLITÉCNICO DE LEIRIA

Novo diretor promete estratégia agregadora

Pedro Morouço vai dirigir a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria durante os próximos quatro anos. A sua estratégia centra-se em cinco eixos fundamentais: investigação, melhoria das instalações, internacionalização, inclusão e valorização.

“Pretendo que estes eixos funcionem tal como os dedos de uma mão, com ações sincronizadas e em perfei-

ta harmonia. Uma mão que sabe agir em virtude de uma consciência coletiva e agregadora”, afirmou, na cerimónia da tomada de posse, a que compareceu a ministra da Coesão Territorial, Ana Abrunhosa.

O novo diretor disse que vai procurar “criar uma cultura institucional de reconhecimento e valorização, do estudante e do docente, não esquecendo nunca o técnico, mas também o segurança, a senhora da limpeza ou

a funcionária da cantina, que tanto apoio dão apoio”. Lembrou a necessidade de intervenção urgente no Bloco A, que está a cair de velho, e reafirmou a aposta em marcha no âmbito da internacionalização, com as ligações à China, Brasil, PALOP - Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, entre outros. Acompanham Pedro Morouço como subdiretores os também professores da Escola Jorge Varela e Dina Tavares. AR ■

PESSOAS

Melhores teses em Media e Telecomunicações

João Serra, antigo aluno de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, do Técnico, e Miguel Regouga, da mesma escola, mas do mestrado de Engenharia Informática e de Computadores, são os autores das melhores teses de mestrado em Telecomunicações e Media, respetivamente. André Cruz, antigo aluno da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, completa a tripla vencedora, com a melhor tese na área das Tecnologias de Informação. O prémio, atribuído pela Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações, conta com o apoio das Escolas de Engenharia.

Aluno do IPEiria traz bronze para Portugal

Rúben Antunes, aluno da licenciatura em Engenharia Informática da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Politécnico de Leiria, conquistou para Portugal a medalha de bronze na Taça da Europa de Lançamentos, que decorreu em Split, na Croácia. Com a marca de 71.05 metros no lançamento do martelo, no escalão de sub-23, o jovem atleta do Sporting, alcançou um novo recorde pessoal e um resultado histórico: a primeira medalha masculina para o país, nesta disciplina. Destaque também para Eliana Bandeira, do curso TeSP em Serviço Jurídico da mesma escola, que obteve o sétimo lugar no lançamento do peso.

Doença dos pezinhos conquista Prémio Bial

A investigação “A Paramiloidose em Portugal e no mundo: de doença fatal a doença crónica com qualidade de vida preservada” venceu o Prémio Bial de Medicina Clínica 2020. A equipa de investigadores é coordenado pela neurologista Teresa Coelho e integra três médicos - Isabel Conceição, Mamede Alves de Carvalho e João Nuno da Costa - e a professora da Pós-Graduação em Avaliação Económica das Tecnologias e Intervenções em Saúde do ISEG, Mónica Inês. Além do prémio de 100 mil euros, a equipa ganhou a possibilidade de publicar o trabalho sobre a conhecida por “doença dos pezinhos”, que demorou nove anos.

Estudantes da UÉ dão música ao mundo

Sérgio Gladky e Maxim Nedobezhkin, estudantes da classe de acordeão do Departamento de Música da Escola de Artes da Universidade de Évora, venceram, em duo, o primeiro prémio da categoria de música de câmara no prestigiado Concurso Internacional Concord of Sounds 2021. Os jovens, nascidos na Ucrânia e na Rússia, respetivamente residem em Portugal, onde frequentaram o ensino regular. Nesta aventura, os alunos tiveram o apoio do professor Gonçalo Pescada.

ACADEMIA-EMPRESA

Universidade de Aveiro fomenta aquacultura sustentável

Almerinda Romeira
aromeira@jornaleconomico.pt

É uma montra para soluções de aquacultura sustentável. A infraestrutura montada pela Universidade de Aveiro no recinto do ECOMARE, entre o porto de pesca costeira e o Jardim Oudinot, integra oito linhas de produção idênticas, cada uma com cerca de 12.000 L de volume, numa área que não vai além de uma piscina olímpica. Esta instalação-piloto permite estudar e demonstrar o funcionamento de um novo sistema de aquacultura.

A designada aquicultura multi-trófica integrada funcionará em circuito fechado, com recirculação da água e cumprindo objetivos de sustentabilidade, circularidade e biossegurança. “Pretendemos promover um aproveitamento integral de todos os nutrientes nas rações. O sistema permite ainda testar conceitos de reaproveitamento da água através de equipamentos de recirculação, podendo mesmo testar-se um cenário de 0% de troca de água (em que 100% da água é reaproveitada)”, explica Ricardo Calado, investigador do CESAM e do Departamento de Biologia da Universidade de Aveiro, responsável pelo projeto, ao JE Universidades.

A infraestrutura é única em Portugal e foi criada numa lógica de transferência de conhecimento da academia para as empresas e, mais além, de desenvolvimento do país. “O projeto AQUAMMIN espera poder contribuir para o desígnio nacional de reforçar a autonomia alimentar no que diz respeito ao pescado e simultaneamente permitir ace-



ler a realização do potencial aquícola do nosso país”, salienta o investigador.

Na prática, a investigação e o desenvolvimento são feitos no ECOMARE, libertando as empresas de encargos e exigências, uma vez que aqui “podem testar novos conceitos produtivos sem necessitar de desviar recursos humanos e materiais alocados à produção nas suas instalações”. Podem igualmente contar com o acompanhamento em permanência dos ensaios em curso por parte da equipa que conduz o projeto AQUAMMIN, financiado pelo Programa Operacional MAR2020 com cerca de um milhão de euros.

Ricardo Calado explica também que quaisquer soluções de cultivo testadas na infraestrutura poderão

ser muito mais facilmente transferidas para o sistema produtivo nacional. “Podemos trabalhar com água marinha ou salobra, sendo também possível fazer ensaios com água doce caso seja necessário. Podemos ainda trabalhar com espécies de águas temperadas, como as espécies da nossa costa; espécies de águas mais quentes, caso das gambas tropicais que só estão disponíveis aos consumidores nacionais na forma de produto congelado; ou até espécies de águas mais frias, como o salmão e o bacalhau”.

O sistema já está em operação com várias empresas a manifestarem interesse. Os ensaios que são em parceria entre a Universidade de Aveiro e as empresas poderão decorrer “à porta fechada”... afinal, o segredo é a alma do negócio. ■

1 PERGUNTA A RICARDO CALADO

Em que medida pode o projecto contribuir para melhorar as nossas vidas?

Portugal é um dos maiores consumidores de pescado do mundo (>50 Kg per capita por ano). Tal como a esmagadora maioria dos estados da União Europeia, somos um país deficitário que importa anualmente milhões de euros em pescado. Em território nacional, e em linha com o panorama internacional, a aquacultura terá um papel crescente no abastecimento das populações com pescado de qualidade, rico nutricionalmente, produzido em total segurança e com respeito por boas práticas ambientais. O projeto AQUAMMIN espera poder contribuir para este desígnio nacional de reforçar a autonomia alimentar do país no que diz respeito ao pescado e simultaneamente permitir acelerar a realização do potencial aquícola do nosso país. A aquacultura poderá substituir a pesca, mas apenas para algumas (poucas) espécies. A pesca não irá desaparecer e para um país como Portugal precisamos de garantir que a pesca é cada vez mais uma atividade sustentável suportada pelo melhor conhecimento científico existente e que, em conjunto com a atividade aquícola, consegue continuar a trazer à mesa dos portugueses o melhor pescado do mundo.

BREVES

Univ. Nova reforça oferta para setor jurídico

A Nova School of Business & Economics e a NOVA School of Law uniram-se, numa parceria para “fazer mais e melhor pela formação de executivos no setor Jurídico”, criando a Nova School of Law Executive Education. As aulas terão lugar no campus de Carcavelos à beira-mar, e os programas serão ministrados pelos mesmos professores e profissionais de referência da Faculdade de Direito. A oferta formativa é vasta e cobre todas as vertentes, sendo disponibilizados programas focados nas áreas da Economia, Direito, Gestão, Estratégia e Digitalização. Além das soluções abertas, o portefólio contempla também oferta customizada para organizações empresas.

Livro faz retrato do ensino superior

“Ensino Superior em Portugal: Missões, Políticas e Práticas” está a chegar às livrarias com a chancela do Grupo Almedina. O livro traça o retrato do ensino superior português, aliando à vertente histórica a reflexão sobre orientações e práticas no sector. Os docentes da Universidade Europeia e IPAM Diana Dias, Ricardo Carvalho, Ricardo Jorge Morgado, João Atanásio, Daniela Lousada, Isabel Moço e Maria Isabel Roque partilham a autoria com Elsa Justino, Madalena Fonseca, Samuel Vilela e Sandra Gomes.

ISAG estabelece parceria com André Villas-Boas

O ISAG – European Business School tornou-se parceira do movimento Race For Good, criado pelo treinador André Villas-Boas para apoiar causas humanitárias e promover a inclusão social e igualdade de oportunidades. “Temos promovido, ao longo dos anos, uma ligação constante do ISAG a diversas causas humanitárias e também desportivas que demonstrem aos nossos estudantes a importância da cidadania ativa e dos valores da igualdade e solidariedade”, justifica Elvira Pacheco Vieira, Diretora-Geral da instituição.

ECOLOGIA

Telhado da Porto Business School é agora uma horta

Está dividida em 70 camas de cultivo implantadas nos 114 m² de telhado da Porto Business School (PBS). Esta horta ‘low-tech’, ecológica e eficiente, única do género numa instituição de ensino superior portuguesa, foi criada em parceria com a start-up portuguesa Noocity e é mais um passo importante na estratégia de sustentabilidade da escola de negócios, que aposta em hábitos saudáveis dentro de casa e numa maior interação com a natureza.

“Vamos conseguir garantir um impacto mínimo no ambiente, reduzindo a nossa pegada de carbono, o consumo de água ou a produção de lixos orgânicos dentro da Escola”, afirma Patrícia Teixeira Lopes, Associate Dean da Porto Business School.

A estimativa é de que a horta possa produzir cerca de três toneladas

de alimentos por ano. A PBS pretende utilizar os alimentos colhidos na preparação das refeições servidas pelos seus serviços de restauração, criar cabazes para distribuir pelos colaboradores e doar parte da produção a instituições sociais.

Numa perspetiva mais pedagógica, através da horta e de atividades regulares de workshops, webinars e outras, que serão promovidas pelos Growers Noocity ao longo do ano, os alunos, docentes e staff poderão “aprender mais sobre o cultivo e a colheita natural de alimentos e partilhar experiências reais na interação com a natureza”.

Com este processo e esta parceria com a Noocity, a Porto Business School quer inspirar a mudança de comportamentos a nível social e ambiental, levando toda a comunidade académica a ser um “agente de mudança”. ■ AR



400 mil

Estão abertas até dia 30 de junho as candidaturas para projetos de investigação exploratória no âmbito do programa Carnegie Mellon Portugal. O concurso tem disponíveis 400 mil euros, financiados pela FCT, e vai eleger até oito projetos nas áreas da Informática, Inteligência Artificial, Robótica e Interação Pessoa-Máquina, que “comproven ter elevado potencial de impacto em contextos tecnológicos e económicos internacionais”. O concurso visa promover a competitividade internacional e a capacidade de inovação em ciência e tecnologia em Portugal na área das TIC.